



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
CAMPUS III
CURSO DE HISTÓRIA**

JUCILENE DA SILVA FÉLIX

EVA E AVE: A VISÃO SACRA DA MULHER NA IDADE MÉDIA

**GUARABIRA
2017**

JUCILENE DA SILVA FÉLIX

EVA E AVE: A VISÃO SACRA DA MULHER NA IDADE MÉDIA

Trabalho de Conclusão de Curso em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em História.

Área de concentração: História e estudos culturais: Etnia, Crença, Gênero e Sexualidade.

Orientador (a): Prof.^a Dr.^a Alômia Abrantes da Silva.

**GUARABIRA
2017**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

F316e Félix, Jucilene da Silva
Eva e ave [manuscrito] : a visão sacra da mulher na idade
média / Jucilene da Silva Félix. - 2017.
27 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2017.
"Orientação: Alômia Abrantes da Silva., Departamento de
História".

1. Mulher. 2. Misógina. 3. Santidade. 4. Idade Média. I.
Título.

21. ed. CDD 305.4

JUCILENE DA SILVA FÉLIX

EVA E AVE: A VISÃO SACRA DA MULHER NA IDADE MÉDIA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC-Artigo) apresentado a Coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, Campus Guarabira, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciatura em História, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Alômia Abrantes da Silva.

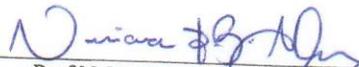
Área de concentração: História e estudos culturais: Etnia, Crença, Gênero e Sexualidade.

Orientador (a): Prof.^a Dr.^a Alômia Abrantes da Silva.

Aprovada em: 11/04/2017

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Dr.^a Alômia Abrantes da Silva. (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.^a Ma. Naiara Ferraz Bandeira Alves
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira Lima
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha família, pela compreensão, apoio e amor,
DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À professora Dr.^a Alômia Abrantes pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação.

A minha mãe Maria do Carmo, as minhas irmãs Jeyse e Dayanne, ao meu sobrinho Olavo e todos os demais parentes pela ajuda, companheirismo e compreensão por minha ausência nas reuniões familiares.

A meu pai José Félix (*in memoriam*), embora fisicamente ausente, sentia sua presença ao meu lado, dando-me força.

A uma pessoa muito especial na minha vida, Danielison Gomes, que sempre esteve ao meu lado, agradeço por toda o companheirismo, compreensão, paciência e todo amor.

Aos professores do Curso de História da UEPB, que contribuíram ao longo de trinta meses, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos funcionários da UEPB, juntamente com a Coordenação do Curso de História, pela presteza e atendimento quando me foi necessário.

Aos meus amigos Camila, Tatiane e Roberto, e demais colegas de classe pelos melhores momentos de companheirismo, amizade, carinho e apoio.

“Eva, aquilo que a mulher é, e Maria, aquilo que a mulher deveria ser”.

(Silvana Mota Ribeiro, 2000, pg. 8 e 14)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	07
2	A IDADE MÉDIA, O FEMININO E A VISÃO DA IGREJA.....	08
2.1	A dualidade Eva/Maria.....	12
2.1.1	<i>Eva, “a Pecadora”</i>	13
2.1.2	<i>Maria, “a Virgem”</i>	15
3	O CULTO MARIANO: UMA CRIAÇÃO DA IGREJA.....	17
3.1	Dogmas Mariano.....	19
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
5	REFERÊNCIAS	24

EVA E AVE: A VISÃO SACRA DA MULHER NA IDADE MÉDIA

Jucilene da Silva Félix*

RESUMO

Esse artigo tem como objetivo abordar a visão misógina da Igreja dentro do contexto social no período da Idade Média, entre os séculos XII e XV. Baseada na análise de vários autores, a perspectiva adotada focaliza a ótica dos prelados a partir das personagens de Eva e Maria, que são os principais pilares usadas como símbolo para obter o controle da sociedade no período medieval. Analisando a carga negativa atribuída a imagem mítica de Eva e exaltando a figura de Maria como modelo de perfeição e santidade, apresenta o surgimento do Culto mariano como discurso da Igreja baseado nos dogmas destinados a imagem de Maria. Conclui-se que esses dois modelos femininos difundido pela Idade Média deixa evidente o papel civilizador e moralizador desempenhado pelo poderio da Igreja, transparecendo sua posição quanto à misoginia, a santidade e os possíveis caminho para a salvação feminina.

Palavras-Chave: Mulher; Misógina; Santidade; Idade Média.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo vem abordar o discurso criado pela Igreja Cristã relacionada ao feminino na Idade Média, problematizando como a partir desta visão procura-se justificar uma concepção de inferioridade das mulheres em relação aos homens. Com base em uma pesquisa bibliográfica, tendo como inspiração historiadores como José Rivair de Macedo e George Duby, entre outros, que desempenharam um papel de grande contribuição para a história das mulheres no período medieval, busca-se aqui produzir uma síntese e compreensão dessa questão no contexto estudado.

Partindo do discurso de argumentos de moralistas cristãos, sendo eles os encarregados da interpretação da Bíblia Sagrada com base na narrativa mítica de Gêneses, analisaremos o discurso negativo aplicado a Eva, fundamentados em textos bíblicos, no mito da criação do homem. Diante desta ótica, partindo do século XII, iremos analisar no período medieval a visão e as vantagens retidas da Igreja em torno da imagem da mulher, através do panorama das bases da misoginia perpetuada pelos tabus cristãos e pela crença,

* Aluna de Graduação em História na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.
E-mail: jucilenefelix@hotmail.com

caracterizada pela ideia da superioridade masculina erguendo-se na fraqueza moral, física e espiritual atribuída as mulheres.

Autores como os citados acima procuraram interpretar e sintetizar o olhar da Igreja Católica Romana, que se apresenta como a principal responsável pela criação da visão misógina, baseando-se na imagem de Eva como “a Pecadora”, advinda do mito da criação do mundo, e a exaltação do ser feminino através do Culto Mariano, marcada pela devoção à Maria, como a mulher santa que deu à luz ao filho de Deus. Portanto, a forte influência da Igreja nessa construção histórica sobre as personagens de Eva e Maria, traz a discussão entre o misógino e a santidade caracterizado pelos prelados da Igreja, que visavam o domínio moral, conjugal e social ao longo de toda Idade Média, controlando, em especial, o comportamento feminino.

2. A IDADE MÉDIA, O FEMININO E A VISÃO DA IGREJA

Hilário Franco Junior (2001), em seu livro “A Idade Média, nascimento do Ocidente”, ressalta que o período medieval foi por muito tempo marcado pejorativamente pelo estigma de “Idade das Trevas”. Esse conceito, ou melhor preconceito, “expressava um desprezo indisfarçado em relação aos séculos localizados entre a Antiguidade Clássica e o próprio século XVI”. Como um conceito elaborado no século XVI, essa visão da Europa medieval foi criada por eruditos renascentista, para quem a “Idade Média” teria sido uma interrupção no progresso humano, inaugurado pelos gregos e romanos e retomado pelos homens do século XVI. E sobretudo, por eruditos iluministas, que por se guiarem pela luz da Razão, censurava sobretudo a forte religiosidade medieval, o pouco apego da Idade Média a um estrito racionalismo e o peso político de que a Igreja então desfrutara.

Segundo Franco Jr. (2001), os protestantes criticavam como sendo a época de supremacia da Igreja Católica. Os homens ligados às poderosas monarquias absolutistas lamentavam aquele período de reis fracos, de fragmentação política. Os burgueses capitalistas desprezavam tais séculos de limitada atividade comercial. Os intelectuais racionalistas deploravam aquela cultura muito ligada a valores espirituais.

O posicionamento em relação a atuação da Igreja no período medieval, apresentava uma supremacia da história da Igreja sendo identificada com a das elites eclesiásticas. A preocupação central era com as instituições clericais, com o pensamento oficial da Igreja e com seus altos dirigentes, como cita Franco Jr.:

A linha tendencial da Igreja na Idade Média revela-se com clareza. Num primeiro momento, a organização da hierarquia eclesiástica visava à consolidação da recente vitória do cristianismo. A seguir, a aproximação com os poderes políticos garantiu à Igreja maiores possibilidades de atuação. Em uma terceira fase, o corpo eclesiástico separou-se completamente da sociedade laica e procurou dirigi-la, buscando desde fins do século XI erigir uma teocracia que esteve em via de se concretizar em princípios do século XIII. (FRANCO JR., 2001, p. 89)

Mas, segundo o autor, recentemente, recuperou-se o sentido original de “Igreja” como sendo a “comunidade de cidadãos”, englobando, portanto, a hierarquia eclesiástica e a massa de leigos, pois a participação dos fiéis quase sempre ficava à margem, vista como grosseira e cheia de superstições, oposta à dos clérigos.

Também mais recentemente, no século XX, com a influência da Escola dos Annales, outros olhares sobre o período medieval foram possíveis e muito do preconceito foi problematizado. Graças à ampliação das concepções de documentos e mesmo de temas para a História, questões como as que envolvem a situação social das mulheres no medievo tornaram-se tema de pesquisas importantes, que vêm crescendo nos últimos anos. Ou seja, tanto a desconstrução do estigma sobre a Idade Média, como a relativização e ampliação das noções sobre a Igreja e a cultura medieval, possibilitam pensar cada vez mais temas como o aqui proposto.

Se pouco era comentado sobre a atuação da mulher na Idade Média, a idéia da “inferioridade natural” das mulheres soava muito forte, como se percebe nos textos religiosos, que basilaram muito dos valores e costumes medievais. Os lugares sociais destinados as mulheres nos discursos religiosos, baseados na leitura e interpretação dos “textos sagrados cristãos”, ficavam limitados frente ao domínio masculino, que buscava definir com rigor e cercear a atuação das mulheres na sociedade cristã do período.

Baseado nessa visão de uma suposta inferioridade é possível identificar que o contexto sociocultural criado pela Igreja ao redor da figura feminina, foi desempenhado pelas autoridades eclesiásticas, portanto, a maior parte do que sabemos relacionado ao mundo feminino no medievo, parte de escritos advindos de prelados que por serem da Igreja deveriam viver completamente afastados delas. Essa construção literária foi empregada pela Igreja com o propósito de distanciar a tentação carnal associada à mulher e atrair cada vez mais fiéis para a santidade e para a participação na igreja.

Conforme Nascimento (1997), em seu artigo “Ser mulher na Idade Média”, ressalta-se que o ponto de partida da Igreja destinado a construção dessa memória do discurso negativo sob a mulher, vem da influência da tradição judaica, direcionado a Eva, como a pecadora, discurso este que é aplicado por Eva não conseguido resistir à tentação do fruto proibido, conforme encontrado em Gênesis - 3:2, afetando profundamente a tradição religiosa cristão. A Igreja, por sua vez, absorve tal discurso e integra a existência feminina, aplicando tal justificativa para impor o repúdio e evitar a participação ativa da mulher, conseguindo assim a exclusão e a proibição da mesma nas funções sacerdotais, mudando por completo a ótica e o comportamento social de todo o Ocidente.

A partir disso, a Igreja Católica passou a disseminar em seus escritos clericais um pensamento misógino, considerando a mulher culpada pela queda do gênero humano e a responsável pela tentação carnal por descenderem de Eva. Essa visão clerical passa então a introduzir e a influenciar o lugar social feminino, transformando a mulher, considerada frágil, em um ser pecador e disseminador do mal. Portanto, deve-se a exclusão da figura feminina na história aos escritos feitos por homens atuantes da Igreja Católica, passando assim a negligenciar a presença, atuação e os lugares ocupados pelas mulheres na história.

Baseado na concepção de “Pecadora”, acredita-se que a Igreja Católica através de suas autoridades eclesásticas, busca desvendar mistérios que estavam por trás da suposta natureza feminina, de como por exemplo conseguir gerar vidas e, não obtendo respostas os mesmos passam a disseminar a idéia de ser da mulher como portadora do mal e um ser demoníaco, causando cada vez mais medo aos homens.

Para tentar conter esse ser demoníaco, como era visto, a Igreja buscou defender dois importantes pilares da virtude feminina: a virgindade e a castidade, imposto através do sacramento do matrimônio.

Conforme o artigo de Ventorim (2005), essa nova decisão da Igreja Católica busca controlar e inferiorizar a mulher diante de seu parceiro, a partir do casamento, em busca de impor a mulher uma vida pura e casta para assim conseguir alcançar a salvação, mas para isso deviam viver e permanecer dentro das regras cristãs impostas pela Igreja, e assim ser agraciada com a vida eterna. Para seguir essa vida casta e pura do sacramento, a Igreja Católica, passa a controlar a vida moral e organizacional do casamento impondo idade ao matrimônio, regras sexuais, através da posição sexual do casal e relacionar-se apenas com um único homem.

A Igreja procurava sempre fiscalizar o casamento em busca de controlar os impulsos sexuais com o intuito de combater a bestialidade, mediante isso, passou a ser visto como algo necessário entre o homem e a mulher, valorizando a relação sexual baseada apenas com a finalidade da procriação, como cita Franco Jr. (2001):

Assim, apenas ao longo do século XII a Igreja pôde, com dificuldade, completar a definição da única modalidade aceitável de vida sexual cristã — o matrimônio, tornado um dos sacramentos*. Ou seja, em primeiro lugar, uma relação heterossexual. Combatia-se, assim, a prática da bestialidade (sexo entre humano e animal), freqüente no mundo antigo e no campesinato medieval. Uma tradição mítica interpretava o versículo bíblico no qual Adão, ao ver Eva, diz “desta vez é osso dos meus ossos e carne da minha carne” (*Gênesis 2,23*) como prova de que ele anteriormente fazia sexo com animais, as únicas companhias que tivera até então no Éden. O casamento cristão combatia especialmente a homossexualidade, o pior pecado sexual possível, por visar apenas ao prazer e não à procriação. (FRANCO JR, 2001, p. 174)

Sendo assim, o casamento se tornou para as mulheres seu único meio de vida, além de seu único destino, ou seja, elas eram destinadas a se acostumar a viver com seus cônjuges para lhes ser companheira, excelentes donas de casa, e principalmente mães.

Essa construção marca a atuação da mulher apenas no sacramento do matrimônio com as tarefas domésticas que lhe são atribuídas e com a circulação permanente e privativa apenas dentro dos limites da residência paternal, de seu cônjuge ou dos conventos aplicado pelas regras da Igreja que buscava cada vez mais a total submissão da mulher no medievo.

Segundo Nascimento (1997), para além da confinção nas residências dos pais e do marido, o convento foi também uma estratégia da Igreja que aos olhos monásticos era uma forma de excluir as mulheres do meio social, como consequência disso os mosteiros revelaram-se lugares de fuga para as mulheres que não queriam ter obrigação de casar e procriar que a sociedade lhe impunham, principalmente de mulheres da nobreza, ou seja as que mais possuíam dotes que deveriam ser administrados por seus maridos, confinadas nos mosteiros, elas não encontraram dificuldade alguma em gerenciar os seus patrimônios pessoais, além de estar longe do controle da família. Por sua vez, os mosteiros tinham grande preferência por mulheres da nobreza, principalmente aquelas que possuíam terras frutíferas de grande pasto e de grandes casas, como forma de dotes, o que garantia a sobrevivência dos conventos.

A partir de agora, a idéia é conhecer mais sobre a elaboração das visões do feminino, através das personagens de Eva e Maria, a partir de suas imagens largamente

difundidas dentre os séculos XII ao XV, buscando compreender o lugar que as imagens dessas duas protagonistas ocuparam na construção de um ideal feminino cristão.

2.1 A dualidade Eva/Maria

Procura-se aqui apresentar e a discutir os dois principais pilares da Idade Média em termos das concepções profanas e de santidade, representados pela figura de Eva e Maria, que tanta importância tiveram ao longo de todo o período medieval. Personagens que partiram do poderio da Igreja e atuaram na literatura religiosa, coexistindo em dois pontos de vista oposto; um, da mulher essencialmente má, e outro, da mulher virtuosa.

Partimos do princípio de que as mulheres têm sido enquadradas em imagens estabelecidas pela Igreja Católica, isto é, modelos impostos como ideais dos quais elas se devem aproximar. Segundo Macedo (1999), a Igreja banaliza a imagem de Eva, que deverá ser vista através de conceitos como o pecado, ser diabólico, criatura imperfeita por natureza, hospedeira do mal e da fornicação. Maria, pelo contrário, vem para adormecer a visão destinada a Eva, assumindo-se como “Nova Eva”, a mulher-símbolo da pureza, da grandeza, da santidade e da redenção.

Eva, então corresponderá, a generalidade das mulheres, sendo tais características atribuída ao gênero feminino, ou seja, a imagem naturalizada de Eva como pecaminosa é transferida a todas as mulheres. Verifica-se, assim, a tentativa de uma transferência de conceitos de ordem teológica para o social.

Maria, por sua vez, apresenta um caráter único com traços relativos a maneira de agir. Vem exaltada como a Mãe de Jesus, que a Igreja utiliza na sociedade medieval como um modelo de virgindade e castidade, como coloca Macedo (1999, p. 46), “ a Virgem, é descrita como a dama por excelência, como uma moça bela, pura, grandiosa: “uma donzela, bela de corpo e de rosto, com adoráveis cabelos louros soltos sobre o os ombros”, portanto, essa narrativa enaltece a imagem de Maria como modelo, principalmente na concepção da virgindade e da castidade, a ser seguido pelas mulheres do medievo.

Observando essa dualidade, propõe-se agora uma reflexão da forma como estes dois modelos cristãos da mulher tem contribuído para a difusão de imagens típicas do gênero feminino, através da acentuação e da ligação de Eva ao pecado e de Maria ao divino, explorando a vertente dicotômica nestes paradigmas do feminino ligados a Igreja.

2.1.1 Eva, “a Pecadora”

Segundo Macedo (1999), a mulher, perante os escritos bíblicos, é a criação de Deus juntamente com o homem, Deus criou Adão à sua imagem divina e Eva foi constituída apenas de sua semelhança. No olhar da Igreja o homem é superior a mulher fortalecendo a concepção da inferioridade natural do sexo feminino. Na visão de moralistas cristãos “ o homem deveria ser governado apenas pela sabedoria divina. Ela pelo contrário, deveria ser governada pelo homem tal qual o corpo deve ser governado pela alma; a razão viril deveria dominar a parte animal do ser” (MACEDO, 1999, p. 43). A influência das instituições eclesásticas na sociedade medieval contribuiu assim para definir e dividir a atuação do gênero feminino, a partir dos discursos religiosos passando a ser vista, aos olhos dos prelados, como um ser muito próximo do corpo e dos sentidos carnisais.

Esse modo de ver as mulheres, muitas vezes radicalizado, concorre para o desenvolver de ideias misóginas, de aversão ao feminino na ótica de muitos que compunham a Igreja Católica, interpretando-a como o portal exclusivo do Demônio, herdeira do pecado original, culpada de todos os males e pecados do mundo que desta interpretação histórica ao ser feminino resultariam diversas reações diretas na Idade Média.

Uma referência importante no estudo da imagem feminina no medievo, o historiador George Duby, frisa em seu livro “Eva e os Padres – Damas do século XII” (2001), que o cristianismo apropria-se dos discursos misóginos para obter o controle da sociedade e expandir a prática de penitências, baseado nos escritos de Santo Agostinho, prevalecendo a submissão do homem, e sobretudo, na mulher o peso por sua leviandade, debilidade, e principalmente a sensualidade.

No século XII, segundo o autor (DUBY, 2001), é muito forte a presença de Eva como inferior. Esta passa ainda a ser vista como um reflexo de Adão por ter sido criada de uma parte mínima de seu corpo. Passam a estar presente nos discursos dos padres para afastar os desejos da carne aflorados pela presença da mulher:

No final das contas, os padres valiam-se das palavras de Eva, de seus gestos, da sentença que a condenou, para transferir o peso do pecado ao feminino a fim de retirar a sua carga aos homens. O que os levava naturalmente a denunciar com vigor os defeitos das mulheres. Bastava-lhes lançar os olhos sobre a sociedade da corte para reconhecer no comportamento das esposas as três faltas cometidas pela “associada” de Adão sob as ramagens da macieira, e que provocaram a Queda. Como Eva, elas estão de conluio com o demônio. Como Eva, atormentadas o desejo de conluio com o demônio. (DUBY, 2001, p. 67)

É possível notar, segundo Duby (2001), que a Igreja busca estar presente no comportamento da sociedade, principalmente dos homens, temendo que estes fossem desviados pela influência das mulheres. Para isso, a Igreja passa a controlar as pessoas, impondo-lhes a confessar o que pecou publicamente e o que pecou secretamente através dos pensamentos, não esquecendo a aplicação de punições. A Igreja buscava sempre conter o homem das alegrias do corpo e o ensina a lutar contra seus próprios desejos, com o intuito de os afastar do sexo e da fornicação ensinando-os a se vangloriarem de sua virgindade, buscando em transformá-los em apenas servidores de Deus. Segundo Macedo, a tradição monástica antifeminina desenvolveu poemas literários e peças teatrais para descrever discursos misóginos do gênero feminino, expressando-se sobre as mulheres de maneira que as colocassem como inferior, fundamentado na personagem de Eva.

Desta maneira, no século XII, como coloca Duby, os eruditos encontraram na profecia de Adão a justificativa da igreja para governar a sexualidade:

Enfim, o relato da criação reforçou os mestres que formavam os pregadores na sua certeza: é mais pesado na mulher o peso da sensualidade, isto é, do pecado, dessa “parte animal” cujo controle cabe à razão, a qual predomina no macho, tal prevalência conferindo ao masculino o *imperium* sobre o feminino. (DUBY, 2001, p. 53)

Macedo (1999), vem completar essa justificativa de repúdio à sensualidade feminina, uma das armas de sedução, discutindo ainda a aversão declarada pelos religiosos como preocupação constante com a repressão e o controle da sexualidade. A moral cristã estava acima de tudo, os moralistas procuravam limitar a sexualidade, restringindo regras ao casal na relação sexual, pois era apenas para procriação, repudiavam qualquer contraceptivo e impunham normas sobre a vida conjugal.

Duby (2001), apresenta ainda em seu livro o comportamento e o modo como a Igreja se dirige em seus sermões às mulheres de alta linhagem, na maioria das vezes, princesas de uma nobreza de sangue elevado, tornando-se as “paroquianas” privilegiadas dos dirigentes eclesiásticos. O comportamento dos prelados voltava atrás quando se direcionavam às rainhas e demais personagem de sangue real. Contudo, só é conveniente que a mulher fique à frente do poder se o marido estiver longe ou se for viúva:

(...) – e esse é o caso da rainha de Jerusalém, Mélisande, viúva; na carta de consolo que lhe envia, são Bernardo a faz dizer: “Sou mulher, portanto, de corpo fraco e de coração instável”, as funções que preciso cumprir excedem as forças

de meu saber” –, a dama deve dominar sua natureza, transformando-se, dolorosamente, tornar-se um homem. Uma conversão: mudar de sexo. É assim que os prelados a exortam: “Na mulher, debes mostrar o homem, realizar a tarefa em um espírito de conselho e de força”, conselho e força dos quais, estão convencidos, o sexo feminino é normalmente desprovido. (DUBY, 2001, p. 74)

A Igreja descreve, portanto, como uma mulher de sangue real deve ser convicta de que é obrigada a repelir a sua feminilidade para então ser forte o suficiente para conseguir resistir aos ataques do demônio vencendo esse propósito de resistência e passando a viver no convento. O prelado passa a celebrar a força da mulher viúva que “(...) desde que deixou o leito de um cavaleiro, de um vassalo, de um homem, tornou-se então esposa de Deus” (Duby, 2001, p. 75). E favorecendo-se do discurso de que Cristo havia aceitado unir-se as mulheres, mesmo não sendo mais virgem, são dadas em casamento a Deus e não ao homem.

Nos escritos de George Duby (2001), a Igreja do Ocidente, por volta do século XII, passa a ter uma maior preocupação com a mulher de encaminhá-la rumo à salvação. Diante disso procura conduzi-la para a sociedade, visto que os discursos através da reforma moral das autoridades eclesiásticas poderiam trazê-la, e segundo o autor, desviando-a do mal, contra as seduções das seitas para assim lhe trazer de volta ao meio da doutrina cristã e de sua existência perante a sociedade medieval.

Assim, parecia não ser suficiente apontar para o modelo do feminino que deveria ser repudiado, mas investir em um modelo de oposição, a ser seguido. Assim, mediante a construção teológica da imagem de Maria, uma “nova Eva”, que moldava e instruía as mulheres do medievo, passando a adquirir um novo comportamento perante a sociedade, ganha ascensão. As mulheres, que desde o surgimento de Eva, eram quase sempre condenada e esquecidas, ressurgem como ser fonte de redenção, exaltando o ser materno, que agora era tido como modelo para as mulheres do medievo, caracterizando a partir dos discursos da Igreja, uma nova inspiração no modo de vida da idade Média.

2.1.2 Maria, “a Virgem”

Após essa viagem em torno da personagem mítica de Eva, continuemos ainda no século XII, mas agora para analisar as características da imagem de outro importante pilar vista a partir da construção narrativa difundida pela maior instituição religiosa cristã dentro

da sociedade medieval. Procuramos então observar qual importância teve a figura de Maria em meio a um novo olhar da Igreja. Uma personagem elevada à perfeição do ser feminino, explora-se a exaltação de Maria, como a virgem, mãe de Deus, que tanto inspirou o gênero feminino para uma nova perspectiva de vida social no medievo.

No século XII, o modelo feminino passa por um processo de transformação e de valorização intensificado pelos religiosos da Igreja Católica, baseado na concepção da redenção do pecado que trouxe uma nova visão para a imagem da mulher no período medieval, que vem da elevação da personagem de Eva para uma nova visão clerical sobre Maria que agora representava não só para a Igreja, mas como também era o novo ideal de mulher visto pela sociedade medieval. A Igreja favorecia o discurso desse novo modelo feminino que deveria ser seguido por todas as mulheres para alcançar a graça divina e o caminho da salvação.

Segundo Macedo (1999), a Igreja, produz dois modelos para representar a imagem de Maria, primeiramente, surge como a figura feminina no sentido em que Maria redime o Pecado Original de Eva, surgindo como uma “Nova Eva” apresentada como fonte de redenção pela Igreja, afim de modelar para as mulheres da sociedade medieval como um novo comportamento social a ser seguido, para assim chegar a salvação. Com a sua obediência e fé, a mãe de Cristo trouxe a vida e a salvação ao mundo, ao contrário da sua antepassada que supostamente teria trazido apenas morte e desgraça a toda a espécie humana.

Maria, então assume um caráter antitético frente a figura de Eva. Após essa introdução da nova imagem de exaltação sobre o gênero feminino, difundida pela instituição religiosa cristã, as mulheres deixam de ser caracterizadas como Eva, aglomeradas ao discurso de serem suas filhas e como pecadoras por natureza, passando a um estatuto de perfeição inigualável, por isso, é considerada para o restante das mulheres o exemplo a ser seguido.

Macedo (1999) enfatiza, entretanto, a proclamação de Maria com o ideal de perfeição composto pela castidade e virgindade, ou seja, a “Mãe de Jesus” e a “Virgem Maria”. Perante essa construção introduzida pela Igreja, as questões da maternidade e da procriação assumem na figura de Maria as consequências associadas às práticas para as próprias mulheres dentro no seu meio social, nomeadamente no que diz respeito ao seu papel no lar e na sociedade.

Sabemos que a problemática da dominação masculina e da hierarquização sexual dificilmente pode ser perspectivada sem que consideremos o modo como as características biológicas femininas - neste caso, a capacidade de dar à luz – são mostradas enquanto essência da feminilidade e justificam, à partir das construções sociais os papéis de gênero.

Porém, um dos aspectos mais relevantes da relação entre as duas figuras em análise é precisamente a questão da grande valorização do casamento e em seguida a maternidade, em que Maria triunfa como mãe. Por isso, as mulheres eram estimuladas a permanecerem castas até o casamento, sendo assim, o melhor caminho para seguir esse novo modelo determinado pela Igreja, era permanecer virgem, pois o símbolo da virgindade as tornavam mulheres virtuosas diante da sociedade e principalmente da Igreja.

A ideia de uma virgindade e de uma maternidade é para o senso comum das mulheres contraditória e apenas teria sido possível a Maria por intervenção divina. O discurso usado pela instituição religiosa cristã em torno do ideal feminino baseado na concepção da virgindade e na maternidade é, simultaneamente, concebida a mulher por obra do Espírito Santo, e deixando claro que estas condições não podem simplesmente realizar-se e nem se repetir para nenhuma outra mulher, ou seja, é um modelo a ser seguido, mas que, paradoxalmente, não pode ser completamente alcançado.

No que diz respeito ao posicionamento da Igreja em torno da personagem de Maria, podemos defini-la como um fortalecimento de modelo ideal apresentado as mulheres da Idade média, em especial àquelas das camadas sociais mais abastardas, as Damas. Porém está é dada a partir de um protótipo de virtude que é necessário seguir, mas que, simultaneamente, é impossível de ser seguido, principalmente no que diz respeito a virtude de ser a “Virgem, mãe de Jesus”.

3. O CULTO MARIANO: UMA CRIAÇÃO DA IGREJA

Após a concepção relacionada as imagens de Eva e a Maria dentro do período da Idade Média, passa-se à maneira como o culto de Maria, Mãe de Jesus, tornou-se uma das características marcantes do Catolicismo Romano. Esse discurso desempenhado pela Igreja, parte justo do fato de que a imagem que Maria foi instituída pela Igreja no período medieval para uma maior desenvoltura destinada a trazer a mulher ao seio da Igreja e da vida em sociedade.

O culto mariano é a veneração singular da Virgem Maria, distinguindo-se do culto divino e do culto dos santos e anjos. A veneração de Maria continua ocupando um lugar central na Teologia Católica Romana; em contraste com a imagem de Eva que havia sido a fonte do pecado e da morte, Maria trouxe, para tal concepção, a bênção da redenção ao mundo.

Segundo Macedo (1999), o Concílio de Éfeso, em 431, sob a inspiração de São Cirilo, definiu explicitamente a maternidade divina de Maria, que foi proclamada como a “Mãe de Deus, em vez da consideração anterior de “Mãe de Jesus” o que ajudou a estimular a crescente veneração da Virgem Maria através de cultos e orações a ela dedicados, prevalecendo como a mais importante entre todos os santos, por sua posição especial como intercessora de todos os pecadores no dia do Juízo Final.

A partir do Concílio de Éfeso, a maternidade divina de Maria transformou-se em doutrina na Igreja, por esse motivo as gerações começaram a proclamar Maria como a Bem-aventurada Virgem Santíssima, Santa Mãe de Deus.

Em Constantinopla, em 553, os conciliares determinaram a excomunhão de todos os que não aceitassem a maternidade da Virgem, a Mãe de Jesus. Surgindo uma extraordinária popularidade do culto mariano depois do século XII, exaltando escritos em louvor da Virgem Maria, em sua maternidade, se tornou para a sociedade medieval uma pessoa importante e principalmente pura.

Segundo Jurkevics (2010), nessa concepção, os escritos de autores patrísticos como João Crisóstomo, Ambrósio e Agostinho, principais doutores da Igreja, reforçaram a identidade de Maria como um modelo de santidade, que culminou com sua imaculidade, em 1854, por Pio IX e de sua assunção aos céus, em corpo e alma, matéria dogmatizada, em 1950, por Pio XII, que expressava, sobretudo, “a preocupação com a função de Maria no Corpo Místico, enquanto mediação, co-redenção e maternidade espiritual”.

Não demorou muito para que se consolidasse também a noção da perpétua virgindade de Maria. O que ajudou a estimular a crescente veneração da Virgem Maria através de cultos e orações a ela dedicados foi, sem dúvida, a construção da oração da “Ave Maria” desenvolvida pela Igreja, que durante a Idade Média impulsionou gradualmente na adoração a Maria, a ponto de suplantarem a própria “adoração de Cristo”.

Segundo o autor já referido, em seus documentos e reflexões teológicas, a Igreja apresenta fundamentos que demonstram como o culto mariano seria plenamente legítimo e como deve ser colocado entre os deveres religiosos daqueles considerado como “povo de

Deus”. O culto mariano, segundo tais visões, fundamenta-se nas Sagradas Escrituras da Bíblia. Uma passagem do Evangelho de Lucas, apresenta o que é considerado um registro sobre o Arcanjo Gabriel, que transmite à Maria de Nazaré a proposta de ser Mãe do Salvador:

Alegra-te, cheia de graça! O Senhor está contigo... Não tenhas medo, Maria! Encontraste graças junto de Deus... O Espírito Santo descerá sobre ti, e o poder do Altíssimo te cobrirá com sua sombra. (Lc 1,28-35)

Cheia do Espírito Santo, Santa Isabel exalta a grandeza da pessoa e da conduta de Maria:

Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto de teu ventre! Como mereço que a mãe do meu Senhor venha me visitar? Logo que a tua saudação ressoou nos meus ouvidos, o menino pulou de alegria no meu ventre. Feliz aquela que acreditou, pois o que lhe foi dito da parte do Senhor será cumprido! (Lc 1,42-45)

Essas palavras bíblicas serviriam para justificar a veneração da Igreja à Maria, reforçando o mito da maternidade sagrada, que passa a ser cunhada como uma virtude a ser vivenciada pelas mulheres.

3.1 Dogmas Mariano

O dogma mariano desenvolveu-se lentamente ao longo de toda história da Igreja dentro do período medieval. Representado pela imagem de Maria como o membro mais eminente da Igreja, o dogma mariano se desenvolveu a partir da relação de Maria com Cristo, ou seja, seu filho. Para a Igreja Católica, dogma é uma verdade de fé revelada por Deus. Logo, um dogma é imutável e definitivo; não pode ser mudado nem revogado.

Para a Igreja, os dogmas são importantes pois ajudam os cristãos a se manterem fiéis na fé genuína da instituição religiosa cristã. Com o auxílio dos teólogos e pensadores cristãos, a Igreja decidiu criar os dogmas marianos no sentido de doutrinar a sociedade medieval.

Na linguagem atual do magistério e da teologia, o dogma é uma doutrina na qual a Igreja, propõe de maneira definitiva uma verdade revelada, em uma forma que obriga o povo cristão em sua totalidade, de modo que sua negação é repelida como heresia e

estigmatizada com anátema. Os dogmas marianos viriam, assim, iluminar a vida espiritual dos cristãos.

Para conhecer melhor sobre os dogmas, fez-se a leitura de textos teológicos, como do Pe. Bisinoto (2011), que informa que, referentes a Maria, a Igreja propõe quatro dogmas: Maternidade Divina, Virgindade Perpétua, Imaculada Conceição e Assunção. Seriam estas verdades que os cristãos aceitam, aprofundam e vivenciam na comunidade de fé.

O primeiro dogma mariano introduzido pela Igreja seria a da Maternidade Divina de Maria, proclamado em 431 no Concílio de Éfeso. A maternidade divina, vem ressaltar a presença de Maria como mãe e principalmente a permanência de sua virgindade após o parto do filho de Deus. Esse dogma foi inserido através desse concílio, veio afirmar ainda a unidade e a presença da pessoa de Cristo, através de seu nascimento. A ideia seria, pois, a de reconhecer Maria como Mãe de Deus significando, na verdade, professar que Cristo, Filho da Virgem Santíssima segundo a geração humana, é Filho de Deus. Por tanto, a maternidade divina de Nossa Senhora é peça-mestra da teologia marial.

Entre os títulos usados na liturgia ortodoxa para venerar a Maria é prática até hoje dirigir-se a ela como a “progenitora de Deus”. Este termo, em linhas gerais, é uma criação originariamente cristã, que a Igreja coloca como tendo nascido da devoção popular, tornado o seu obrigatório, mas que compreende-se, como aqui demonstrado pelas leituras, que são efeitos dos discursos morais da Igreja sobre a imagem dela que se queria projetar às mulheres.

Na sequência da história dos dogmas surge o dogma da Virgindade Perpétua de Maria, e através da doutrina cristã ensina que Maria é virgem antes, durante e depois do parto. É importante ressaltar que Maria mesmo dando à luz ao filho de Deus, a real e perpetuada virgindade permanece. Sendo assim, na visão de teólogos da Igreja, Maria é uma concepção milagrosa, concebida por obra do Espírito Santo. A tradição se coloca do lado da virgindade perpétua por causa do Cristo. O Filho dela é o centro da doutrina. Tal concepção, ao passo que modela Maria para o feminino, contraditoriamente implica no inalcançável para as mulheres, que acabavam assim mantendo-se na vulnerabilidade de sua “natureza imperfeita”.

Em seguida, criado o dogma da Imaculada Conceição intitulado pelo Papa Pio IX, pois o Papa possui o pleno e supremo poder de jurisdição sobre toda Igreja, não somente em coisas de fé e costumes, mas também na disciplina e governo da Igreja. O dogma da

Imaculada Conceição vem abordar, na imagem de Maria, seria o exemplo em que a sociedade cristã, principalmente do gênero feminino é que se deve começar o processo de renovação e purificação de todo o povo.

No dogma da Imaculada Conceição encontramos a visão da Igreja em que Deus nos fala de seu plano redentor. Ele nos revela como Trindade Santa, a extensão do seu amor, capaz de doar-se e entregar-se de tal modo a fazer da criatura alguém importante no centro de seu projeto.

A Igreja declarou a doutrina da Imaculada Concepção de Maria como Dogma de Fé, advogando a tese como sendo Maria a concepção isenta do pecado original. Os Padres da Igreja, antigos escritores eclesiásticos, usavam dogmas para designar o conjunto dos ensinamentos e das normas de Jesus.

E finalizando os dogmas mariano, a Igreja enfatiza a Assunção de Maria como o último dogma a ser intitulado por obra do Papa Pio XII, em 1950, nos seguintes termos: “Finalmente, a Imaculada Virgem, preservada imune de toda mancha da culpa original, terminado o curso da vida terrestre, foi assunta em corpo e alma à glória celeste. E para que mais plenamente estivesse conforme a seu Filho, Senhor dos senhores e vencedor do pecado e da morte, foi exaltada pelo Senhor como Rainha do universo”, segundo Miranda Rocha (2005, p. 10)

A Igreja impulsiona o discurso do dogma da Assunção de Maria e esta passa a ser outra vertente da imagem desta. Segundo a visão da Igreja, Maria é elevada aos céus “em corpo e alma”, inserida na eternidade em sua completude humana, na sua plenitude como criatura, revela a grandeza do amor do Criador, a amplitude da obra do Redentor e a largueza da ação do Santificador. Imaculada e assunta aos céus, Maria é a realização perfeita do projeto de Deus sobre a humanidade.

Contrariando a tradição da Igreja sobre os dogmas marianos que foram enraizadas e baseados na Sagrada Escritura, surgem os movimentos heréticos, que representavam um enorme perigo para a doutrina oficial da Igreja. Segundo Macedo (1999), as heresias, doutrinas contrárias ao que foi estabelecido pela Igreja em matéria de fé em confronto com os dogmas estabelecidos. Surgiram em virtude de críticas e dúvidas sobre a verdade absoluta da mensagem da Igreja.

Segundo Macedo (1999), ir contra os princípios dos dogmas da Igreja era arriscar a própria vida. Com o poder sobre a sociedade, a Igreja tinha em suas mãos o direito de fazer tudo que quisesse com a herege, usando do discurso que essa era a “vontade divina”, que

na maioria das vezes esses grupos eram representados pela imagem feminina, como por exemplo figura da bruxa, da feiticeira, assim como da prostituta e da serva, se destacaram por confrontar tais dogmas. Essas ações e crenças reproduzidas pelas mulheres no medievo não condiziam com princípios dos dogmas religiosos e por eram condenados pelo Tribunal do Santo Ofício, afirmando que há uma ação direta e compactuada com o “inimigo de Deus”, além de usarem como justificativa ideológica para a exclusão total das mulheres da sociedade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, a realização desse trabalho possibilitou realizar um mergulho histórico, trazendo a visão misógina da Igreja na Idade Média como uma referência histórica para analisar o que nossa cultura e nossos preceitos herdaram desse período.

No período estudado pode ser observado a construção de valores e aspectos que procuravam consolidar a ideia de inferioridade feminina, o surgimento da efetiva misoginia sobre a imagem de Eva, o poder do discurso da Igreja sobre a imagem de Maria, que trouxe consigo a reconciliação de Deus com a humanidade, juntamente com a veneração ao culto à Virgem Maria representado pelo Culto Mariano e a introdução dos Dogmas Mariano na sociedade medieval.

Na Idade Média, tais questões ganharam uma dimensão de profunda influência no comportamento cristão, tornando-se, assim a matriz de muitas concepções de nosso presente. Muitas de nossas ideias e comportamentos foram concebidas neste período, principalmente aquelas relativas ao corpo, à sexualidade, e principalmente ao gênero, uma vez que, é neste período que se instala um elemento fundamental de nossa identidade coletiva, o Cristianismo.

No período medieval, as mulheres representavam o perigo, pois considerava-se que sua sexualidade e corpo traziam tentações aos homens. Segundo o discurso da Igreja, as mulheres carregavam a culpa responsabilizando a Eva pela queda de Adão no Paraíso, justificando tal ideologia para a exclusão total das mulheres na sociedade. Na tentativa de controlar o corpo e as ações femininas, os escritos medievais reforçavam o discurso da virgindade e da castidade, baseado no surgimento de Maria, “Mãe de Deus”. Assim a Igreja Católica propunha modelos de comportamento que detinham as normas de condutas que favoreciam a manutenção da ordem social.

Surge então, a representação mariana que é um fenômeno contraditório a Eva. Maria, por sua vez, passa a ser representante de um ideal institucionalizado pela Igreja Católica, que permitiu às mulheres religiosas outra possibilidade de experiência no meio social da Idade Média, além do casamento e da maternidade, mas ao mesmo tempo ela perpetua o local e as relações de poder desiguais entre o gênero, pois permanecia na tutela do pai ou do esposo.

A introdução dos dogmas mariano pela Igreja Católica no medievo passou a elevar e a exaltar a imagem de Maria, trazendo ao esquecimento a figura de Eva. Dessa forma, a representação de Maria transmitia práticas e virtudes quanto à pureza, a maneira de proceder e a obediência aos princípios fundamentais da Igreja. Portanto, os dogmas mariano carregavam o sentido de uma verdade revelada por Deus e por isso não poderiam ser contestados e nem revogados, firmando-se com muita intensidade no período medieval através da veneração que a sociedade cristã adotou ao longo dos séculos e que nos remete até os dias atuais como forma de herança cultural da Igreja Católica.

Vê-se assim como o discurso religioso, aprofundado na Idade Média, tem historicamente participado da construção de modelos reguladores do comportamento feminino, sendo até a contemporaneidade influenciadores sobre as determinações dos lugares sociais e idealizações das mulheres. Sabemos que com o passar dos séculos as mulheres foram ganhando seus espaços, mesmo tendo que sobreviver a tantos transtornos e restrições, buscando obter igualdade entre os gêneros e a participação em todos os campos sociais, políticos e econômicos. Mas uma exigência maior para um estudo a respeito desse assunto se faz necessário, pois a prática do empoderamento feminino não deve ser apenas das mulheres, os homens também precisam estar cientes de que haja uma ampla igualdade entre o posicionamento e participação de ambos os gêneros na sociedade, e isso também no âmbito dos discursos e das práticas religiosas.

EVA E AVE: A VISÃO SACRA DA MULHER NA IDADE MÉDIA

ABSTRACT

This article aims to address the misogynistic view of the Church within the social context of the Middle Ages, between the twelfth and fifteenth centuries. Based on the analysis of several authors, the perspective adopted focuses on the view of the prelates from the characters of Eva and Maria, who are the main pillars used as a symbol to gain control of society in the medieval period. Analyzing the negative charge attributed to the mythical image of Eve and extolling the figure of Mary as a model of perfection and holiness, it presents the emergence of the Marian cult as a discourse of the Church based on the dogmas destined to the image of Mary. It is concluded that these two feminine models spread by the Middle Ages makes evident the civilizing and moralizing role played by the Church's power, showing its position on misogyny, sanctity and the possible way for women's salvation.

Key words: Woman; Misogyny; Holiness; Middle Ages.

REFERÊNCIAS

BASCHET, Jérôme. **A civilização Feudal: do ano mil a colonização da América**. São Paulo: Globo, 2006.

BIBLIA SAGRADA, Ave Maria, 71ª edição, Edição Claretiana, 1989.

BISINOTO, Pe. Eugênio Antônio. **Os Dogmas mariano**. 2011.

Disponível em: <http://www.paraclitus.com.br/2011/apologetica/maria-santissima/os-dogmas-marianos/>

DUBY, George. **Eva e os padres – Damas do século XII**. Tradução de Maria Lúcia Machado. – São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

FRANCO JR., Hílario. **A Idade Média: o nascimento do Ocidente**. São Paulo. Brasiliense, 2001.

GRZYWACZ, Pe. Josef. **Mariologia Popular**. 2015

Disponível em: <http://mariologiapopular.blogspot.com.br/2015/03/sentido-do-culto-mariano.html>

JURKEVICS, Vera Irene. **Virgem Maria: Paradigma Da “Superioridade Espiritual Feminina”**. 2010

Disponível em:

file:///C:/Users/COMPAQ/Downloads/1276543954_ARQUIVO_VIRGEMMARIAParadigmadasuperioridadeespiritualfeminima.pdf

MACEDO, José Rivair. **A mulher na Idade Média**. 4ª ed. – São Paulo: Contexto, 1999. – (Repensando a História Geral).

MACEDO, José Rivair. **Historia na sala de aula: Repensando a Idade Média no Ensino de História**. 2004.

MARTINS, Nereida Soares. **A Maldição das Filhas de Eva: Uma história de culpa e repressão ao feminino na cultura judaico-cristã**. 2008.

Disponível em: http://www.anpuhpb.org/anais_xiii_eeph/textos/ST%2008%20-%20Nereida%20Soares%20Martins%20da%20Silva%20TC.PDF

NASCIMENTO, Maria Filomena Dias. **Ser mulher na Idade Média**. Textos de História, v.5, nº1, p. 82-91, 1997.

PEREIRA, Camila Rabelo. **A sexualidade entre gêneros na vida religiosa através da representação mariana no medievo (Séculos XIII - XIV)**. 2014.

Disponível em: file:///C:/Users/COMPAQ/Downloads/36-138-1-PB.pdf

RIBEIRO, Silvana Mota. **Ser Eva e dever ser Maria: paradigmas do feminino no Cristianismo**. 2000.

Disponível em:

https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/5357/1/MotaRibeiroS_EvaMaria_00.pdf

ROCHA, José Miranda. **O culto a Maria: uma criação do papado**. 2005

Disponível em: <http://centrowhite.org.br/pesquisa/artigos/o-culto-a-maria-uma-criacao-do-papado/>

SOUZA, Alexandre Bueno Salomé de. **A Mulher Serva do Diabo: A Interpretação da Mulher na Idade Média**. 2015.

Disponível em: <http://www2.pucpr.br/reol/index.php/5anptecre?dd99=pdf&dd1=15490>

TROCH. Lieve. **Mística feminina na Idade Média historiografia feminista e descolonização das paisagens medievais**. 2013.

Disponível em : <http://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/16324/9352>

VENTORIM. Eliane. **Misoginia e Santidade na Baixa Idade Média: os três modelos femininos no Livro das maravilhas (1289) de Ramon Llull**. 2005.

Disponível em: <http://www.raco.cat/index.php/Mirabilia/article/view/283512/371432>